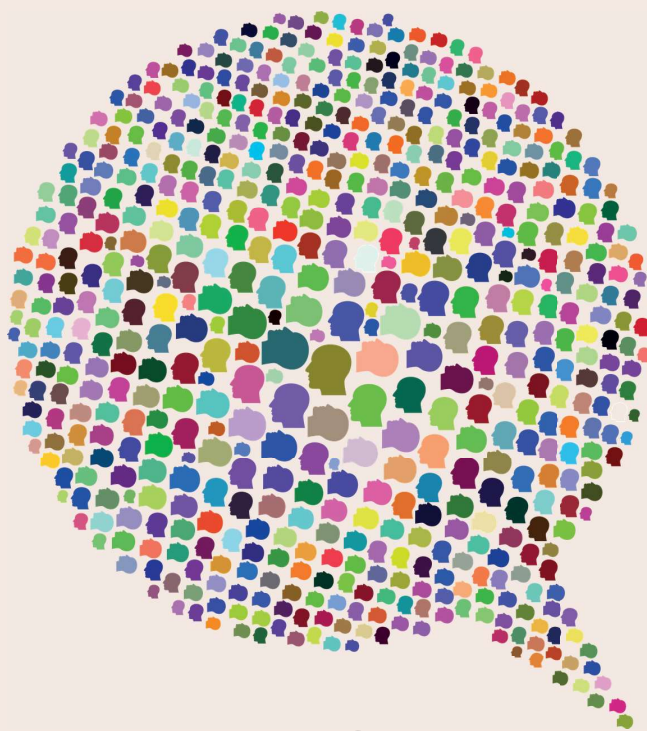


Albertina Lima de Oliveira  
Jenerton Arlan Schütz  
Marco Antônio Franco do Amaral  
(Organizadores)



# VOZES DA EDUCAÇÃO

Pesquisas e Escritas Contemporâneas

Volume 2

  
EDITORA  
ILUSTRAÇÃO



Albertina Lima de Oliveira  
Jenerton Arlan Schütz  
Marco Antônio Franco do Amaral  
(Organizadores)

**VOZES DA EDUCAÇÃO**  
PESQUISAS E ESCRITAS CONTEMPORÂNEAS  
Volume 2

Editora Ilustração  
Cruz Alta – Brasil  
2021

Copyright © Editora Ilustração

**Editor-Chefe:** Fábio César Junges

**Diagramação:** Fábio César Junges

**Imagens da capa:** Pixabay

**Revisão:** Os autores

---

CATALOGAÇÃO NA FONTE

---

V977 Vozes da educação : pesquisas e escritas contemporâneas /  
organizadores: Albertina Lima de Oliveira, Jenerton Arlan  
Schütz, Marco Antônio Franco do Amaral. - Cruz Alta :  
Ilustração, 2021.  
v. 2 ; 21 cm

ISBN 978-65-88362-63-1

DOI: 10.46550/978-65-88362-63-1

1. Educação. 2. Ensino-aprendizagem. 3. Formação de  
professores. 4. Pandemia (COVID 19). I. Oliveira, Albertina  
Lima de II. Schütz, Jenerton Arlan (org.). III. Amaral, Marco  
Antonio Franco do (org.).

CDU: 631.1

---

Responsável pela catalogação: Fernanda Ribeiro Paz - CRB 10/ 1720

2021

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora  
Ilustração

Todos os direitos desta edição reservados pela Editora Ilustração

Rua Coronel Martins 194, Bairro São Miguel, Cruz Alta, CEP 98025-057  
E-mail: [eilustracao@gmail.com](mailto:eilustracao@gmail.com)

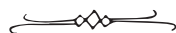
[www.editorailustracao.com.br](http://www.editorailustracao.com.br)

## Conselho Editorial



Dr <sup>a</sup> . Adriana Maria Andreis	UFFS, Chapecó, SC, Brasil
Dr <sup>a</sup> . Adriana Mattar Maamari	UFSCAR, São Carlos, SP, Brasil
Dr <sup>a</sup> . Berenice Beatriz Rossner Wbatuba	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr <sup>a</sup> . Célia Zeri de Oliveira	UFPA, Belém, PA, Brasil
Dr. Clemente Herrero Fabregat	UAM, Madri, Espanha
Dr. Daniel Vindas Sánches	UNA, San Jose, Costa Rica
Dr <sup>a</sup> . Denise Tatiane Girardon dos Santos	FEMA, Santa Rosa, RS, Brasil
Dr. Domingos Benedetti Rodrigues	SETREM, Três de Maio, RS, Brasil
Dr. Edeimar Rotta	UFFS, Cerro Largo, RS, Brasil
Dr. Edivaldo José Bortoleto	UNOCHAPECÓ, Chapecó, SC, Brasil
Dr <sup>a</sup> . Egeslaine de Nez	UFMT, Araguaia, MT, Brasil
Dr <sup>a</sup> . Elizabeth Fontoura Dorneles	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Evaldo Becker	UFS, São Cristóvão, SE, Brasil
Dr. Glaucio Bezerra Brandão	UFRN, Natal, RN, Brasil
Dr. Gonzalo Salerno	UNCA, Catamarca, Argentina
Dr. Héctor V. Castanheda Midence	USAC, Guatemala
Dr. José Pedro Boufleuer	UNIJUÍ, Ijuí, RS, Brasil
Dr. Luiz Augusto Passos	UFMT, Cuiabá, MT, Brasil
Dr <sup>a</sup> . Maria Cristina Leandro Ferreira	UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil
Dr <sup>a</sup> . Odete Maria de Oliveira	UNOCHAPECÓ, Chapecó, SC, Brasil
Dr <sup>a</sup> . Rosângela Angelin	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr <sup>a</sup> . Salete Oro Boff	IMED, Passo Fundo, RS, Brasil
Dr. Tiago Anderson Brutti	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc*.



# DESAFIOS DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Maria Natália Pereira Ramos<sup>1</sup>

Ana Cristina Duarte Lopes<sup>2</sup>

## 1 Introdução

A globalização e a crescente multi/interculturalidade das sociedades, o avanço cada vez mais intenso das tecnologias da informação e comunicação e o acesso constante a informação e a conteúdos digitais pela Internet, associados ao aumento da interação social e profissional de pessoas provenientes de culturas diversas, fazem com que seja importante a aquisição de novas e variadas competências académicas, profissionais, pedagógicas, tecnológicas, (inter)culturais e sociais. Esta necessidade não deve ser vista como pontual mas permanente, através de várias vertentes e modalidades que permitam um crescimento individual e educacional integrado na diversidade social e cultural em que vivemos e onde a educação e as novas tecnologias se tornaram indispensáveis para todos, nas diversas fases da vida e para o desenvolvimento sustentável.

A importância das tecnologias vai além da aproximação cultural, acrescentando nos momentos em que a sociedade sofre mudanças profundas, como as que ocorrem atualmente provocadas pela pandemia. Um desenvolvimento sustentado e integrado da tecnologia permite o acesso à educação e à aprendizagem transnacional, não constituindo apenas uma resposta de emergência

---

1 Professora Associada da Universidade Aberta, Lisboa; Coordenadora Científica do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais/CEMRI. Doutorada em Psicologia pela Universidade de Paris V, Sorbonne, França. Psicóloga; E-mail: natalia@uab.pt.

2 Doutoranda em Relações Interculturais da Universidade Aberta. Mestre em Estatística e Gestão da Informação pela Nova IMS. Licenciada em Gestão pela Universidade Aberta, Lisboa. E-mail: acd.lopes11@gmail.com

num momento de pandemia, mas apresentando-se determinante para a inclusão social e para a melhoria das condições de vida, sendo o acesso à educação fundamental para o desenvolvimento global e para a redução do risco de pobreza e de exclusão social. Num momento em que milhões de pessoas em todo o mundo vivem em contexto de confinamento, é fundamental assegurar o acesso à educação e a equidade.

O ensino a distância, preconizado em Portugal na Universidade Aberta desde 1988, como forma de responder a necessidades diferenciadas, tem ganho enfoque ao longo dos anos por ser reflexo da sociedade mutável, tecnológica e multi/intercultural em que vivemos, caracterizando-se igualmente por ser um ensino que permite atingir e integrar públicos mais alargados, diferenciados e transnacionais, preparando estudantes nacionais e estrangeiros, residentes em Portugal ou noutros países e continentes, para a realidade de um mundo de trabalho dinâmico, plural, intercultural e global (BATES, 1995; RAMOS, 2009a,b, 2016; SOBRAL & RAMOS, 2012, 2013).

No primeiro triénio de 2020, o mundo foi confrontado com a pandemia da Covid-19, a qual exigiu medidas imediatas e originou desafios, mudanças, crises e tensões, com fortes impactos sociais, económicos, culturais, psicológicos e educacionais. Este problema global de saúde pública veio acentuar as já existentes desigualdades sociais, económicas e de saúde nas nossas sociedades abertas, interdependentes e transnacionais, agravando as condições socioeconómicas, sanitárias e educacionais e os riscos de infeção dos grupos mais vulneráveis, onde se incluem muitos indivíduos em situação de pobreza e de migração. Trouxe, sobretudo, grandes desafios à educação e às instituições educativas, colocando em destaque vulnerabilidades e potencialidades da comunidade educativa, das metodologias e práticas educacionais e docentes, da educação a distância, das atitudes dos estudantes e das dificuldades de acesso e domínio aos/dos meios tecnológicos. Colocou igualmente em relevo a necessidade de formação ao nível das tecnologias de

informação e comunicação, sobretudo dos professores, e de repensar novas políticas, metodologias e práxis educativas.

Instituições educativas, nomeadamente as de ensino superior, foram temporariamente encerradas como forma de controlar a pandemia e tiveram de fazer face a esta situação evoluindo para um tipo de ensino a distância que poderá ser considerado um ensino remoto em tempo de emergência, tendo em comum com a educação a distância uma educação mediada pelas tecnologias, mas cujos princípios são, em geral, os da educação presencial. Em certos casos, poderá constituir-se como um patamar intermédio para uma integração definitiva das tecnologias digitais na educação (MOREIRA *et al.*, 2020).

Neste texto realça-se, assim, a importância da educação, com especial ênfase nas tecnologias na educação. Salienta-se as vantagens que as instituições já antes digitalmente mais avançadas tiveram para fazer face à pandemia, sobretudo as dedicadas ao ensino a distância, como a Universidade Aberta. Este modelo pedagógico permitiu que os estudantes desta universidade, independentemente do país onde residiam, continuassem os seus estudos sem impactos significativos, favorecendo o seu desenvolvimento académico, pessoal e cultural, tão importante na atual sociedade contemporânea e global em que vivemos. O texto analisa também alguns impactos que a pandemia teve na sociedade em geral e na educação em particular, destacando igualmente alguns problemas e desafios que se colocam ao nível individual, social e educacional. Sistematiza algumas mudanças que foram pensadas e estão a ser implementadas de forma a manter a educação acessível, inclusiva e ampla para todos face a esta situação de emergência. Realça como a crise pandémica obrigou a mudanças no paradigma e práxis educacional, na formação, na colaboração entre organizações e numa maior integração e valorização das tecnologias digitais no âmbito da educação. Por fim, evidencia a importância primordial da formação docente e a adequação de práticas de ensino tradicionais a uma realidade digital, destacando vetores de sucesso e de dificuldade de implementação de um ensino

abrangente, inclusivo e sustentado em tecnologias digitais que funcione em qualquer contexto.

## **2 Impactos da pandemia na sociedade e na educação**

O SARS-COV-2 (síndrome respiratória aguda grave – coronavírus 2), problema global de saúde, é de grande atualidade e importância nos âmbitos social, político, sanitário e dos média, representando um dos maiores problemas de saúde pública internacional das últimas décadas ao nível mundial. Sendo um vírus de rápida disseminação, com origens e curso ainda pouco conhecidos, e não se dispondo ainda de um tratamento terapêutico eficaz e seguro, a pandemia por ele gerada provoca grandes preocupações à população em geral, aos sistemas de saúde, às instituições, sobretudo educativas, aos profissionais e aos decisores políticos, afetando em maior ou menor grau o bem-estar psicológico, físico e social dos indivíduos, grupos e comunidades (WHO, 2020; APA, 2020).

A situação de emergência global e de isolamento social impostos por esta pandemia, está a conduzir a uma reelaboração dos contactos, relações e atividades a diferentes níveis, devido à imposição de medidas de proteção e de distanciamento social e físico, dificultando ou impedindo as interações e relações sociais, familiares, educacionais e comunitárias habituais. Estas limitações e riscos face à pandemia, associados ou agravados por condições de vulnerabilidade social, económica, sanitária ou educacional, estão a gerar problemas e desafios, em particular ao nível educacional, bem como a afetar a saúde pública e o bem-estar em geral. Também devido ao isolamento social e familiar, originado por esta situação de pandemia, as tarefas e cuidados diários intensificaram-se, sobrecarregando os educadores e os cuidadores familiares, tanto das crianças como dos jovens ou idosos, afetando os suportes sociais, físicos e psicológicos e aumentando as situações de stresse, ansiedade, sofrimento, depressão, de desgaste físico e psicológico (DUAN & ZHU, 2020; HAN & MOSQUEDA, 2020).

A situação epidemiológica global que o mundo enfrenta, face a um vírus com grande capacidade de transmissão e imprevisibilidade e na origem de grande morbidade e mortalidade, tem tido consequências aos níveis social, educacional, económico, familiar e sanitário, em particular nas populações mais vulneráveis, desfavorecidas e em risco face à situação de pandemia, como, por exemplo, os mais velhos e os mais jovens.

As evidências científicas têm revelado os impactos da pandemia e do isolamento social nos planos individual e coletivo, em especial na saúde mental e física da população, destacando as consequências para a saúde e o bem-estar psicológico e social das famílias, estudantes e professores, para o aumento das situações de stresse, medo, ansiedade e violência e para a diminuição da capacidade de tolerância, devido às mudanças nas relações sociais, familiares, educacionais e interpessoais, bem como nas rotinas e atividades diárias, e à imprevisibilidade e insegurança futura aos níveis socioeconómico, laboral, escolar e de saúde (CHOI *et al.*, 2015; ORNELL *et al.*, 2020; BROOKS *et al.*, 2020).

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2020) destaca que, com o encerramento de instituições escolares em 192 países no mundo, 1 576 767 997 estudantes foram afetados ao nível das relações sociais e dos processos de ensino e aprendizagem. Esta situação não só aumentou o isolamento social e afetou a autonomia, o convívio e socialização, em fases importantes do desenvolvimento das crianças e jovens, como aumentou as desigualdades, precariedades e o abandono escolar dos mais desfavorecidos e vulneráveis.

Uma investigação realizada na área metropolitana de Lisboa mostra que, relativamente ao confinamento e às aulas a distância, o número de famílias imigrantes que dizem não ter um local em casa para os filhos terem aulas à distância atinge os 20%, e, no que respeita à necessidade de as crianças fazerem uma refeição na escola, os valores são de 8% para os imigrantes e de 3% para os nacionais (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 2020).

Os impactos da Covid-19 e do isolamento social na saúde mental de estudantes universitários, sobretudo quanto aos níveis de depressão, ansiedade e stresse, foram estudados em diversas cidades da China, junto de 1210 participantes com idades compreendidas entre os 21 e os 30 anos. O estudo destacou que em 53,8% da amostra o impacto psicológico foi classificado como moderado ou severo, salientando-se sintomas moderados ou severos de ansiedade (28,8%), depressão (16,5%) e stresse (8,1%) (WANG *et al.*, 2020). Outros estudos revelam igualmente que o aumento dos casos positivos da Covid-19 originou níveis de ansiedade, depressão e stresse entre os estudantes universitários, ainda que estes, como têm destacado as investigações, não constituam o grupo de maior risco, morbidade e mortalidade (BROOKS *et al.*, 2020; WEISS & MURDOCH, 2020; ZHOU *et al.*, 2020).

Também vários estudos realizados na China para avaliar as consequências psicológicas da pandemia revelaram que, em 320 crianças e adolescentes, dos 3 aos 18 anos e de ambos os sexos, os problemas emocionais e comportamentais predominantes foram os seguintes: irritabilidade, pesadelos, ansiedade, distração, medo de fazer perguntas sobre a epidemia, falta de apetite, mal-estar físico e psíquico e desejo de proteção dos familiares (JIAO *et al.*, 2020).

No sentido de minimizar os impactos da Covid-19 e disseminar informação sobre as suas consequências e recursos para a população em geral e para os profissionais, vários organismos têm feito recomendações sobre comportamentos e medidas que permitam reduzir os seus efeitos psicológicos, sociais e físicos e enfrentar as mudanças e adaptações rápidas verificadas e exigidas neste contexto (APA, 2020; WHO, 2020). Estas transformações inesperadas ao nível dos relacionamentos e atividades tiveram efeitos, em particular na comunidade educativa, sobretudo nos professores e estudantes, nomeadamente ao nível da ansiedade, angústia, desmotivação, stresse e depressão. Revela-se assim fundamental apoiar os estudantes e professores face às mudanças e dificuldades que enfrentam aos níveis psicológico, pedagógico, tecnológico e social. Importa também desenvolver estratégias e

apoiar os professores nos novos desafios que enfrentam, com vista à criação de programas inclusivos que promovam a proteção dos alunos mais vulneráveis e de risco, combatendo a discriminação, a estigmatização e a exclusão que esta situação pode criar entre os estudantes mais afetados por dificuldades sociais, económicas ou psicológicas, resultantes desta pandemia (UNESCO, 2020a,b,c).

### **3 A importância da educação em contexto de pandemia**

A aposta numa educação transnacional, inclusiva e de qualidade, baseada em tecnologias digitais e conteúdos (inter) culturais, é reconhecida pela União Europeia e pela UNESCO, em todos os segmentos da sociedade, dos mais novos aos mais velhos, populações nacionais, migrantes ou minorias, permitindo melhorar a resposta aos desafios que a sociedade enfrenta e respondendo às necessidades do mundo atual multi/intercultural, digital, global, de informação e em rede (UNESCO, 2005, 2020; RAMOS, 2007, 2009, 2016; EC, 2011).

Atualmente, vivemos num mundo tecnológico e digital onde as diferenças se acentuam cada vez mais entre países, entre sociedades e, inclusive, dentro da mesma sociedade. Com o acesso à Internet e às tecnologias de informação e comunicação, a visibilidade dessas mesmas diferenças tornou-se constante, pelo que se impõe a necessidade primordial de reverter essa tendência. Vários autores defendem que a melhor forma de combater as diferenças é através da educação. Nos últimos anos, tem havido um esforço coletivo de melhorar o nível de alfabetização dos cidadãos e aumentar o índice de qualificação em vários países, em particular em Portugal. Em paralelo, têm sido estabelecidas várias parcerias entre universidades de vários países, assim como a disponibilização de materiais em acesso aberto, para promover um acesso à educação transversal e transnacional.

Em todo o mundo, os alunos sofreram os impactos decorrentes desta pandemia, mas os efeitos serão mais notórios nos países mais desfavorecidos e que já se encontravam em desigualdade,

aspeto para o qual a UNESCO (2005) já tinha alertado relativamente aos riscos de desequilíbrio no uso de tecnologias entre os países ricos e países mais pobres.

Deste modo, na atualidade tem de se ter em conta as fortes potencialidades das TIC e das tecnologias digitais, mas também o facto de persistirem no mundo muitas desigualdades sociais e económicas que é necessário ter em conta, uma vez que se refletem na formação e qualificação dos recursos humanos e nas infraestruturas, fatores que limitam o acesso a estas tecnologias (RAMOS, 2016, p.2).

A resiliência e a vontade de instituições, professores e estudantes dos diversos níveis de ensino fizeram com que a educação fosse reestruturada e inovada, usando tecnologias digitais e tentando que a equidade se mantivesse. Em Portugal, nos níveis mais baixos de ensino, reinventou-se a Telescola através da televisão e os professores passaram a acompanhar os alunos através da Internet, com pequenas sessões de aulas e solicitação de trabalhos escritos. Foram criados *emails* institucionais de turma e desenvolvidos tutoriais de apoio aos alunos e pais. Nos casos em que o acesso à Internet era inexistente, os alunos recebiam os materiais por correio ou por estafeta e eram esclarecidas as dúvidas por telefone, mantendo sempre o objetivo de não permitir que nenhum aluno ficasse para trás, garantindo deste modo o acesso equitativo à educação. Nos níveis mais avançados, nas universidades, foram implementadas aulas síncronas, idênticas às presenciais, mas através de Internet e da utilização de tecnologias digitais, mantendo a ligação dos professores aos alunos e permitindo a continuação da aprendizagem. As regras de avaliação foram agilizadas e os alunos continuaram a poder desenvolver o seu potencial. No entanto, apesar dos esforços transversais, alunos sem computador ou sem uma ligação fiável de acesso à Internet tiveram mais dificuldades de acesso e de adaptação a este modelo educativo.

Com o ano letivo de 2019/2020 terminado, desenvolveram-se ações de partilha de informação e de experiências um pouco por todo o mundo e as instituições apoiaram-se mutuamente,

preparando-se assim para o início de um novo ano letivo. Em Portugal, e na Europa em geral, o ano letivo de 2020/2021 iniciou com as escolas em regime presencial. Na maioria das instituições de ensino superior está-se a tentar manter um modelo menos disruptivo, misto (*b-learning*), em que os estudantes têm alternadamente aulas presenciais e virtuais, numa tentativa de minimizar os impactos negativos que a transição abrupta realçou, mantendo-se a socialização entre pares, apesar da necessidade de distanciamento físico. Contudo, o acesso aos meios disponibilizados nas instituições mantém-se restrito. Os estudantes continuam a não poder aceder livremente a bibliotecas e salas de informática, mas têm alguns momentos de contacto presencial, mais circunscritos, que ajudam a integrar os novos alunos que ingressaram no ensino superior.

Como forma de colmatar esta dificuldade, têm sido disponibilizadas sessões de esclarecimento sobre o uso de bibliotecas *online* e sobre as vantagens do acesso digital à informação. No entanto, a questão de os alunos sem computador e sem acesso fiável à Internet terem mais dificuldades de adaptação mantém-se. Assim, é importante não só desenvolver um modelo de ensino adaptado a todos que funcione em qualquer circunstância, como, em paralelo, garantir que existam os meios tecnológicos necessários para o sucesso dessa iniciativa. A reciclagem de computadores e a sua distribuição por públicos-alvo, mais desfavorecidos, por exemplo, pode ser uma forma de integração e de garantia da continuidade de uma educação equitativa e transversal, essencial ao desenvolvimento social e cultural da sociedade.

Em escolas ou instituições universitárias em que já existia um trabalho prévio de ligação a soluções digitais, mais ou menos desenvolvidas, a transição foi mais simples, facilitando assim a adaptação de alunos e professores. Os estudantes e professores da Universidade Aberta, por exemplo, não sentiram com tanta intensidade os impactos da pandemia. O modelo educativo desta universidade era já o de um ensino verdadeiramente a distância, e por conseguinte, adaptado a um ensino à prova de pandemia e

de confinamento. A experiência prévia desta instituição tem sido determinante no suporte às mudanças que a pandemia impôs, a escolas, a instituições de ensino superior e aos estudantes e professores dos mais variados níveis de ensino. Desde o início do confinamento, têm sido organizadas múltiplas sessões de trabalho colaborativo, quer com outros países, entre os quais se destacam o Brasil e Angola, quer com organizações nacionais, com vista à valorização e partilha de práticas e experiências educacionais. A Universidade Aberta, a universidade pública portuguesa de ensino a distância, tem colaborado de várias formas nestas iniciativas, através de ações de formação, partilhando a sua experiência em ensino a distância e *e-learning* e ajudando a evidenciar os desafios e soluções possíveis para melhorar a qualidade do ensino, e facilitando uma transição realizada de uma forma mais inesperada e abrupta do que seria desejável, dado o contexto novo e de emergência em que as instituições e comunidades educativas se viram confrontadas. Em contexto de pandemia, em que o objetivo principal é proporcionar conteúdos e preparação de professores de modo rápido durante um período temporal limitado, estamos perante o que Hodges *et al.* (2020) designam de “ensino remoto emergencial”. Com efeito, o objetivo deste apoio não é transformar o ensino universitário em Portugal num verdadeiro ensino a distância, como o ministrado pela Universidade Aberta, mas que as instituições de ensino superior possam desenvolver o seu modelo pedagógico tradicional, assente na interação social, mas consubstanciado agora no recurso às tecnologias e aos meios digitais.

A educação tradicional e a educação a distância são ambas ricas e importantes, mas apresentam diferenças e especificidades, com tipos de interação distintos: a primeira, muito assente na figura do professor; a segunda, mais no estabelecimento de redes. O importante é que, independentemente do modelo de ensino, a pandemia não empobreça a educação e que o ensino mantenha a sua riqueza, seja proveniente da interação entre professor e alunos, em sala presencial, seja num espaço de ação distinto (sala virtual), seja nas redes colaborativas. No caso deste último modelo, dois

aspectos são essenciais para o sucesso da sua evolução: a escolha do *software* de suporte à aula, isto é, a plataforma em que os professores e estudantes partilham os conteúdos na rede a que todos acedem, e a partilha interativa. Na Universidade Aberta, a escolha recaiu na *moodle*. Nesta plataforma são disponibilizados pelos professores os materiais de estudo, as atividades a realizar e as notas, bem como debatidos nos fóruns os temas a desenvolver. Existem outras opções, cabendo a cada instituição escolher qual o *software* mais adequado ao seu modelo pedagógico e potenciá-lo de acordo com objetivos e necessidades (SALES, 2020).

A imposição de distanciamento decorrente da Covid-19 não tem de significar que estejamos socialmente isolados, uma vez que cada vez mais as interações se fazem também em redes sociais digitais. A educação está a evoluir neste sentido, e a plataforma de suporte escolhida funciona como a rede que liga professores a alunos e os alunos entre si. Isto não significa o fim do ensino em sala de aula, apenas uma adaptação do mesmo e uma evolução do modelo pedagógico de ensino no sentido do avanço da comunicação e da sociedade em rede, isto é, assente em plataformas digitais.

Com as restrições de mobilidade entre países, a diminuição de candidaturas de estudantes estrangeiros às instituições de ensino superior e a redução da mobilidade estudantil, por exemplo no âmbito de estudantes ERASMUS, que se verificaram no início do ano letivo de 2020/21, o ensino remoto e a distância é essencial para a subsistência da inclusão e da diversidade cultural no ensino superior. A Universidade Aberta, pelo seu modelo à distância, tem sido fundamental para a formação de estudantes em todo o mundo, preparando-os para um mercado de trabalho cada vez mais global e transnacional. A experiência intercultural prévia ajuda à sua futura integração, internacionalização e mobilidade profissional pelos vários países do mundo.

#### **4 A importância da formação docente**

O (in)sucesso do ensino assenta em três fatores, nomeadamente: no aluno, no meio social e na instituição escolar, em associação com o professor a partir da relação que este estabelece com o aluno (SILVA, 2010). O estabelecimento desta relação implica que o foco da aprendizagem não se pode limitar a conteúdos predefinidos, necessitando de tirar partido da sociedade de informação e do conhecimento global em que vivemos, permitindo o estabelecimento de relações entre o conhecimento e a sociedade, valorizando-se a integração social e favorecendo o estabelecimento de relações interculturais e de uma educação aberta, digital e em rede (AIRES, 2007; RAMOS, 2007, 2008, 2016; DIAS, 2013). Se o modelo pedagógico evoluiu, com o objetivo de promover-se a qualidade e inclusão educacional, os professores têm de se adaptar e evoluir com este modelo. A resistência à mudança por parte dos responsáveis das instituições e de professores impacta negativamente na qualidade do ensino superior.

A implementação, por exemplo, de um modelo de ensino a distância é lenta e complexa, implicando, entre outras dimensões, uma forte componente da formação docente. O paradigma da educação, em particular de educação a distância, envolve uma abordagem integrativa, sendo importante capacitar os professores das competências necessárias para acompanharem os estudantes no seu percurso escolar, das metodologias de ensino adaptadas ao paradigma do ensino a distância (por exemplo, ao nível de tempo, da programação e organização do trabalho, dos processos de avaliação) e da importância de desenvolvimento de redes colaborativas com os alunos que atenuem a ausência e a não convivência em sala de aula física, nomeadamente em contexto de pandemia.

Os professores, tal como os restantes profissionais, necessitam de desenvolver competências e adaptar-se aos novos contextos digitais, sociais, culturais e educacionais atuais; precisam de formação contínua e de aprendizagem ao longo da vida, sendo essencial que a mesma seja vocacionada para o desenvolvimento

de competências (inter)culturais, pedagógicas, comunicacionais e tecnológicas, de modo a construir soluções de aprendizagem interativas e colaborativas que motivem os alunos com vista à participação e ao sucesso. A mera transposição de uma aula numa sala física para uma sala virtual não motiva os alunos, tendo sido uma solução adotada provisoriamente num período crítico. Os professores deverão tirar partido das novas tecnologias e usá-las como veículo de motivação, sentindo que são efetivamente úteis e facilitadoras do seu trabalho, assim como da interação entre partes. Paralelamente, existe ainda a necessidade de integração de todos e das diferentes identidades culturais, incluindo os imigrantes e minorias étnico-culturais, de modo a evitar a exclusão de grupos específicos ou socialmente vulneráveis por falta de acesso à Internet e às tecnologias de comunicação.

Acentua-se, deste modo, a necessidade de desenvolver competências específicas, sobretudo em contextos multi/interculturais, globais e tecnológicos. Com esse fim, muitos professores têm participado em diversos programas de formação e treino de competências pedagógicas, interculturais, comunicacionais e tecnológicas com vista à manutenção de um nível de ensino de qualidade e à capacitação de relações e competências que ajudem a melhorar o trabalho com grupos culturalmente heterogêneos e em contextos diversificados (BYRAM, 1997; WEAVER, 2008; RAMOS, 2007, 2016). A evolução tem sido positiva e consistente, se tivermos em conta de que existem competências que são transversais aos diferentes contextos sociais e educacionais, independentemente de o tipo de ensino ser presencial, a distância ou misto. O domínio e a integração de novos instrumentos metodológicos, competências e conteúdos ajudam os professores a um melhor desempenho, consciencialização e motivação face ao ensino em contextos diversificados e com indivíduos e grupos social e culturalmente diferentes. Neste âmbito, as competências (inter)culturais no ensino global são vitais e transversais, sendo igualmente imprescindível respeitar a individualidade dos alunos, reforçar a cooperação interindividual e intergrupala, respeitar a relação entre o “eu” e o

“outro” e promover o desenvolvimento, o ensino e a aprendizagem no ambiente pluri/intercultural em que atualmente se inserem, quer social, quer profissionalmente (HALL, 1978; BRISLIN & YOSHIDA, 1994; MORIN, 2000, 2006, 2014 ; RAMOS, 2008, 2009a,b; NUNES & RAMOS, 2018). Independentemente do contributo positivo que as tecnologias possam fornecer e do modelo pedagógico adotado, o acompanhamento dos professores é essencial para garantir a qualidade no processo pedagógico e a equidade ao nível da educação.

### **5 Vetores e características do ensino a distância**

A educação e o ensino são mais do que uma mera transmissão de conhecimentos, devendo promover a aprendizagem de forma colaborativa, bem como a inclusão social, cultural, educacional e digital e favorecer a ambientação a situações emergentes e a capacidade de adaptação a novos desafios, designadamente educacionais e pedagógicos.

Nos últimos anos, várias universidades europeias e fora da Europa têm estabelecido consórcios internacionais criando e diversificando a oferta formativa dos seus cursos consubstanciada numa aprendizagem *online*. Paralelamente, também as universidades e instituições do ensino superior passaram a disponibilizar conteúdos abertos a toda a comunidade, promovendo a partilha e o conhecimento transversal de saberes e competências diversificados, potenciadores de uma inteligência coletiva e democrática (MORIN, 2006, 2014). Na Europa, a tradição de um ensino aberto e alargado iniciou-se na década de 1960, pela mão de pioneiros como Michael Young, fundador da *Open University* britânica, cujo legado permitiu um maior acesso da população à educação.

Portugal tem tido uma preocupação crescente em aumentar e alargar o acesso ao ensino superior, sobretudo desde 1988, ano em que foi criada a Universidade Aberta, universidade pública, que, entre outras, tem como missão estratégica “ir ao encontro das expectativas de formação de públicos adultos, que

não tiveram oportunidade de realizar formação de nível superior e que pretendem efetuar reconversão profissional e/ou aceder a formação avançada de nível universitário” (PEREIRA *et al*, 2012, p. 3015). Ao promover o desenvolvimento educacional, tecnológico, social e cultural, proporciona objetivos e competências essenciais na sociedade multicultural, de conhecimento e em rede em que os estudantes se inserem. Os estudantes que frequentam esta universidade têm a possibilidade de melhorar e aumentar as suas competências e qualificações profissionais e académicas, potenciando a sua integração social e profissional e a melhoria das suas condições sociais e económicas.

A abordagem pedagógica da Universidade Aberta constitui uma proposta metodológica que promove a aprendizagem colaborativa, a autonomia e o trabalho em equipa. Esta metodologia assenta num paradigma construtivista, numa avaliação mais contínua que incentive o envolvimento do estudante através da realização de atividades, onde a aprendizagem é baseada no “aprender fazendo”, numa abordagem cooperante (quando o trabalho de grupo é imposto) e colaborante (quando as redes se criam espontaneamente), permitindo a criação de redes entre alunos, moderadas pelos professores, e o fortalecimento das relações interindividuais e intergrupais. Resulta daqui uma interação diversificada, uma aprendizagem dinâmica e em rede, bem como uma socialização que contribui para a integração e desenvolvimento individual, educacional e profissional, para a construção de um pensamento estruturado e para a distribuição do conhecimento entre a rede estabelecida (BATES, 1995; AIRES, 2007; SILVA, 2011).

O ensino a distância na modalidade *online*, apesar de permitir acompanhar mais fielmente a realidade social e a constante evolução do conhecimento que a Internet potencia, e de ser mais adaptável a situações diversificadas e emergentes, apresenta exigências e limitações. Além de exigir uma maior organização e investimento por parte da comunidade educativa, requer mais recursos tecnológicos de forma regular, pois exige a

necessidade de um acesso constante ao computador e à Internet e o desenvolvimento contínuo de competências tecnológicas. No entanto, este modelo confere uma maior flexibilidade ao aluno, a liberdade de acompanhar as disciplinas ao seu ritmo, em horários mais convenientes, e, acima de tudo, no contexto e espaço onde quer que se encontre (RAMOS, 2016; SANTOS & RAMOS, 2017). Esta modalidade de ensino mais aberta e global pode favorecer mais um determinado público-alvo, o de estudantes com mais acesso e conhecimentos em tecnologias de comunicação e inovação, e com mais autodisciplina e autonomia. Apesar de integrativa, o sucesso desta abordagem depende muito do empenho individual e da maturidade do estudante, bem como das suas capacidades de automotivação e organização. Se, por um lado, este tipo de ensino aumenta as potencialidades educativas, mesmo em situações complexas e imprevistas, nomeadamente no contexto atual de pandemia, por outro, o tipo de modelo em que se consubstancia não é transversal a todos os estudantes, em particular aos mais novos, que precisam também do acompanhamento e da socialização que o ensino presencial lhes confere, e aos que não têm acesso à Internet e às novas tecnologias.

O conceito subjacente ao ensino tradicional, por um lado, reduz a aprendizagem do aluno à sala de aula, a um grupo restrito de alunos moderado por um professor e a uma realidade imutável, mas, por outro, permite uma maior aproximação dos serviços educacionais aos estudantes. Saliente-se ainda que o acompanhamento dos professores permite que os alunos se sintam mais apoiados, não dependendo tanto da sua automotivação. Este regime implica ainda uma participação de todos, não dependendo apenas da espontaneidade individual.

É importante acentuar que não existe um modelo pedagógico único, imutável, mas vários modelos que podem coexistir em paralelo. Responsáveis educativos, instituições, professores e estudantes necessitam de compreender que vivemos numa sociedade aberta, digital e em rede e que a tecnologia está a

produzir mudanças e inovações constantes, inclusive no contexto em que se ensina e se aprende (DIAS, 2013; SALES, 2020).

## **5 Considerações finais**

Vivemos um momento excepcional, com impacto em várias áreas da sociedade, nomeadamente na educação, em que a quase totalidade dos estudantes e professores enfrenta novos contextos e imprevistos e sofreu uma transição abrupta, não para um verdadeiro ensino a distância, mas para um contacto à distância e ensino remoto mediados pelas novas tecnologias e suporte *online*.

Aprender e ensinar presencialmente ou à distância são realidades distintas, com alguns desafios comuns, devendo os modelos pedagógicos ser adaptados a cada caso e aos diferentes contextos sociais, culturais e educativos. Não se pode tentar reproduzir a realidade da sala de aula presencial em contexto efetivo de ensino a distância. Esta solução foi útil e serviu temporariamente numa primeira fase de emergência as instituições educativas, mas atualmente é essencial ultrapassar constrangimentos e resistências e apoiar e formar os professores, capacitando-os e facilitando-lhes as ferramentas necessárias, nomeadamente ao nível das tecnologias comunicacionais, para ajudar a desenvolver as suas competências, bem como as competências dos seus alunos. Tanto da parte dos professores como dos estudantes, é necessário identificar as dificuldades, assim como os conhecimentos e habilidades, na era tecnológica e digital e promover o ensino e a formação neste domínio. Além de promover a formação e o acesso ao uso da Internet e das tecnologias de informação e comunicação (TIC) aos professores e estudantes, é igualmente necessário sensibilizar, incentivar e potencializar para a utilização destes meios tecnológicos como instrumentos de ensino, aprendizagem e comunicação numa sociedade e educação cada vez mais abertas e interativas.

O século XXI e, em particular, contextos complexos e adversos de educação, como os que vivemos atualmente, exigem políticas, pedagogias e metodologias abertas, dinâmicas e flexíveis,

integrando a diversidade de contextos, de espaços e de culturas; o desenvolvimento de modelos pedagógicos inovadores, assentes em perspectivas interdisciplinares e novas tecnologias comunicacionais; e a implementação de mudanças metodológicas, conceituais e tecnológicas. O contexto de pandemia e o seu impacto na educação poderão ser também analisados como uma oportunidade de reflexão, aprendizagem, mudança e evolução, sobretudo do ensino superior em Portugal, nomeadamente ao nível do ensino a distância, desenvolvendo modelos pedagógicos integrados e sustentáveis e que melhor se adaptem às realidades e objetivos das instituições educativas e promovam a qualidade, a inovação e a equidade. Teremos um mundo mais rico e uma educação mais inclusiva, global e sustentável se instituições e professores estiverem mais capacitados para o desenvolvimento educacional, individual, grupal, social, (inter)cultural e tecnológico.

Um desenvolvimento sustentável e mais equitativo poderá contribuir para que a educação e a comunidade educativa sejam capazes de ultrapassar esta crise e as grandes desigualdades e dificuldades provocadas, assim como enfrentar com mais resiliência outras adversidades e constrangimentos.

Revela-se importante incrementar políticas sustentáveis e coordenadas que contribuam para a concretização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas para 2030, sobretudo para os seguintes: acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares (ODS 1); promover a saúde e o bem-estar para todos, em todas as idades (ODS 3); assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos (ODS 4); reduzir as desigualdades no interior dos países e entre os países (ODS 10); promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável e construir instituições eficazes, responsáveis, justas e inclusivas em todos os níveis (ODS 16).

**Referências**

- AIRES, L. (Coord.). **Comunidades virtuais de aprendizagem e identidades no ensino superior**. Lisboa: Universidade Aberta, 2007.
- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. **Pandemics**. APA, 2020.
- BATES, A. W. **Technology, open learning and distance education**. London: Routledge, 1995.
- BRISLIN, R.; YOSHIDA, T. **Intercultural communication training: An introduction**. Thousand Oaks: CA, Sage, 1994.
- BYRAM, M. **Teaching and assessing intercultural communicative competence**. Clevedon: Multilingual Matters, 1997.
- BROOKS, S. K., *et al.* The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. **The Lancet**, v.395, n.10227, 2020, p. 912-920.
- CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.
- CHOI H.; IRWIN M.R.; CHO H.J. Impact of social isolation on behavioral health in elderly: Systematic review. **World J Psychiatry**, v.5, n.4, 2015, p. 432-438.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Resposta à pandemia de Covid-19 num contexto de desigualdades sociais em saúde: um estudo transversal na população nativa e imigrante da Amadora**. Lisboa, 8 Setembro, 2020.
- DIAS, P. Inovação pedagógica para a sustentabilidade da educação aberta e em rede. **Educação, Formação & Tecnologias**. V.6, n.2, 2013, p. 4-14.
- EUROPEAN COMMISSION. **Key Data on Learning and**

**Innovation through ICT at School in Europe 2011.** Brussels: EACEAP9 Eurydice, 2011.

HALL, E. **Au-delà de la culture.** Paris: Seuil, 1978.

HODGES, C.; MOORE, S.; LOCKEE, B.; TORREY, T.; BOND, A. **The difference between emergency remote teaching and online learning.** 2020. <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching->

JIAO, W. Y., *et al.* Behavioral and emotional disorders in children during the COVID-19 epidemic. **The Journal of Pediatrics**, 221, 2020, p. 264-266 .

MOREIRA, J. A.; HENRIQUES, S.; BARROS, D.; GOULÃO, M. F.; CAEIRO, D. **Educação Digital em Rede: Princípios para o design pedagógico em tempos de pandemia,** Universidade Aberta, 2020.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez, 2000.

MORIN, E. **Saberes Locais e Saberes Globais, o olhar transdisciplinar.** Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2006.

MORIN, E. **Ciência Com Consciência.** São Paulo: Bertrand Brasil, 2014.

NUNES, I. M. L.; RAMOS, N. Formação docente e multi/interculturalismo: algumas reflexões. **Linguagens, Educação e Sociedade**, 23, 2018. p.180-198.

PEREIRA, A.; QUINTAS-MENDES, A.; MORGADO, L. Educação On-line no Ensino Superior: um programa de doutoramento em educação a distância e e-learning na Universidade Aberta (Portugal). **Revista Teias** 13(30), 2012, p. 313-333.

RAMOS, N. Sociedades multiculturais, interculturalidade e educação. Desafios pedagógicos, comunicacionais e políticos. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, (41-3), 2007, p. 223-244.

RAMOS, N. (Coord.). **Educação, Interculturalidade e Cidadania**. Bucareste: Milena Press, 2008.

RAMOS, N. Diversidade cultural, educação e comunicação intercultural: políticas e estratégias de promoção do diálogo intercultural. **Revista Educação em Questão**, Natal. (34-20), 2009a, p. 9-32.

RAMOS, N. Educar e formar na sociedade multi/intercultural – Contributos para a comunicação intercultural e cidadania. In: MACHADO, G.; SOBRAL, N. (Org.) **CONEXÕES – Educação, Comunicação, Inclusão e Interculturalidade**. Porto Alegre: Redes Editora, 2009b, p. 15- 37.

RAMOS, N. Tecnologias digitais de informação e comunicação, interculturalidade e formação docente. EDAPECI, **Revista de Educação a Distância, Práticas Educativas, Comunicacionais e Interculturais**. Aracaju, UFS, (16 -1), 2016. p. 9-30.

SALES, J. Ensino a distância e Semi-presencial. IN: G4 (coord.). **Ciclo de 3 Simpósios sobre o Ensino Superior Presencial vs. Semi-Presencial e a Distância**, Angola, UAb, 2020.

SANTOS, M. L.R.; RAMOS, N. Práticas pedagógicas e escolhas tecnológicas na Universidade Aberta, Portugal. In PINA, H.; MARTINS, F. (Org.), **The overarching issues of the European space: society, economy and heritage in a scenario towards greater territorial cohesion**. Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2017, p. 58-66.

SILVA, S. L. M. **Itinerários de Aprendizagem Colaborativa-Cooperativa em Contexto Online**. Lisboa: Universidade Aberta, 2011.

SOBRAL, M. N.; RAMOS, N. Processo de Bolonha e internacionalização do ensino superior. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, vol. 8, 2012, p. 107-115.

SOBRAL, N.; RAMOS, N. Integração das tecnologias da informação e comunicação na formação docente em Portugal (2005-2010). **Revista Praxis Educacional**, (9-14), 2013, p. 103-122.

UNESCO. **Convention sur la Protection et la Promotion de la Diversité des Expressions Culturelles**. Paris: UNESCO, 2005.

UNESCO. **COVID-19 Impact on Education**, 2020a.

UNESCO. **COVID-19: Unesco divulga 10 recomendações sobre ensino a distância devido ao novo coronavírus**, 2020b.

UNESCO. **Supporting teachers in back-to-school efforts: guidance for policy-makers**, 2020c.

UNIVERSIA PORTUGAL. **COVID-19 e o seu Impacto no Ensino Superior em Portugal**, 2020a.

UNIVERSIA PORTUGAL. **Modelos de aprendizagem em tempos de COVID-19: do presencial para o online**, 2020b.

ZHOU, F., *et al.* Clinical course and risk factors for mortality of adult inpatients with COVID-19 in Wuhan, China: a retrospective cohort study. **The Lancet**, 395(10229), 2020, p. 1054-1062.

WANG, C.; PAN, R.; WAN, X.; TAN, Y.; XU, L.; HO, C. Immediate psychological responses and associated factors during the initial stage of the 2019 Coronavirus Disease (COVID-19) epidemic among the general population in China. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, 17(5), 1729, 2020.

WEISS, P.; MURDOCH, D. R. Clinical course and mortality risk of severe COVID-19. **The Lancet**, 395(1022), 2020, 1014-1015.

WEAVER, H. Striving for cultural competence: Moving beyond potential and transforming the helping professions. In R. Dana; J. Allen (Eds.), **Cultural competency training in a global society**. New York: Springer, 2008, p. 135-155.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Mental health and psychosocial considerations during the COVID-19 outbreak**. Geneva: OMS, 2020.